



APRESENTAÇÃO

Martin Hébert – Departamento de Antropologia, Université Laval

Conforme o ponto de vista, o presente número duplo de *Recherches amérindiennes au Québec* pode ser visto como o fruto, ou como o germe de uma experiência. Se sua forma se assemelha a nossas publicações habituais, o processo que lhe deu origem, quanto a ele, seguiu um caminho novo para nossa revista. Graças ao generoso apoio da Agência Universitária da Francofonia (AUF), foi-nos possível mobilizar uma rede internacional considerável a fim de reunir aqui textos que, na sua origem, tinham pouca chance de se cotejar numa mesma publicação. Barreiras lingüísticas, diferenças teóricas, contextos nacionais variados, referências locais a debates políticos e científicos cujas nuances podem escapar aos observadores externos, os obstáculos para um verdadeiro diálogo comparativo sobre as questões dos povos autóctones nas Américas e além não faltam. A resposta-reflexo a estes desafios é frequentemente a de tentar passar pela língua franca que é o inglês. No campo dos estudos dos povos autóctones, essa solução era considerada insatisfatória na época da fundação da R.A.Q. há mais de quarenta anos, e esta posição continua sendo compartilhada por muitas revistas de língua espanhola e portuguesa nas Américas. Então, por que não trabalhar em conjunto a explorar outros caminhos?

Nossa revista publica textos sobre a América Latina e traduções de artigos de pesquisadores latino-americanos há muitas décadas, assim como os autores francófonos do Quebec são publicados e traduzidos em revistas latino-americanas há muito tempo. Essas pontes resultam geralmente de redes pessoais ou de colaborações no seio de equipes de pesquisa. Ao apresentar nosso projeto à AUF, queríamos explorar o papel das próprias revistas científicas na facilitação desses contatos e desses intercâmbios. É claro, esse papel inclui a tradução. O presente número contém muitos textos originais traduzidos especificamente para este projeto. Mas nós não abordamos essa tradução de maneira unidirecional. Uma versão deste número duplo aparecerá neste outono em português em uma revista brasileira, seguida de uma versão em espanhol. As quase vinte traduções que foram necessárias para levar a bom termo esta experiência de publicação nos lembraram, a todo momento, que traduzir é trair. Mas trabalhar em três línguas garante também que cada um de nossos autores terá a oportunidade de ver seu artigo publicado em versão tão próxima quanto possível de seu pensamento.

Sem dúvida alguma, essa abordagem da tradução requer muita energia e muitos recursos. Mas essas complicações revelam uma complexidade que nos parece extremamente interessante e produtiva. Termos como “território”, “política” e “Estado” são, a princípio, facilmente traduzíveis, mas o presente número revela que eles podem ser conceitualizados e pensados de maneiras muito diferentes num contexto ou noutro. Essas distâncias entre as referências teóricas, mas também entre as estratégias e as realidades dos próprios povos autóctones, podem ser tamanhas que nos vimos obrigados, ao longo do percurso, a abandonar a ideia de agrupar a presente publicação sob um único



conceito. Na maneira que exploramos aqui, essa heterogeneidade teórica pareceu-nos uma pequena vitória, ou pelo menos um indicador de que estudos visando estabelecer comparações entre diversos contextos das Américas, sobretudo a relação com o “território”, exigem um importante trabalho prévio de esclarecimento terminológico. O presente número não almeja uma tal comparação. Visávamos, por enquanto, antes uma justaposição modesta, acompanhada da produção de um quadro que nos permitisse em seguida ir mais longe. O próximo número desta série, que deverá aparecer no final do ano, reunirá, aliás, artigos comparativos.

Gostaria de agradecer aos três responsáveis por dossiês, que aceitaram participar da definição e da execução da presente experiência. Marisol de la Cadena e Jorge Legoas se encarregaram da seção sobre a cosmopolítica nos Andes e na Amazônia. A introdução que redigiram para esta seção expõe claramente os referenciais teóricos e etnográficos dos autores. Deixarei, então, que o texto fale por si mesmo. Stephen Wyatt, por sua vez, foi solicitado a reunir textos que pudessem abrir janelas para outros contextos das Américas, outras maneiras de se viver e de se negociar o território nas relações com o Estado e com as companhias transnacionais. Um volume muito mais espesso seria necessário para dar conta da questão, sem dúvida! Mas esse segundo dossiê convida à comparação. Com expressou meu colega Cristhian Teófilo da Silva, diretor da revista brasileira *Interethnic@-Revista de Estudos em Relações Interétnicas*, que assumirá a condução do projeto depois da R.A.Q., os artigos do segundo dossiê nos lembram a importância, a um só tempo, da ancoragem regional dos estudos apresentados e da “sincronização” dos diálogos entre os pesquisadores. Os dois artigos sobre o Quebec contidos nessa seção, por exemplo, estarão entre os mais raros estudos de caso disponíveis em espanhol ou em português sobre as iniciativas atuais das Primeiras Nações do Quebec em matéria de gestão do território.

Este número é, portanto, o primeiro resultado tangível de colaborações que se constroem pouco a pouco entre revistas em busca de um paradigma de trabalho “multicentrado” e um convite a ir mais longe no desenvolvimento dos estudos autóctones comparados nas Américas.

Para concluir, gostaria de agradecer a Eric Chalifoux, coordenador da R.A.Q., por todo o trabalho que ele realizou na preparação deste número, que foi intercalado na produção normal da revista.

Versão em português: Ana Catarina Zema